

As causas da crise economica mundial

ERICO R. NOBRE
Engenheiro-Agronomo

Atravessa a economia mundial, neste momento, um dos seus lances mais dramaticos. Mas, em lugar das soluções praticas para os enormes problemas que assoberbam indistinctamente as nações civilizadas, sente-se que o homem actual está possuido pela perigosa nevrose das mais inconsequentes utopias de organização social e economica.

Nenhum paiz pode furtar-se ao vendaval de calamidades que açouta a face da terra, desde o inicio da Conflagração européa. Mesmo naquelles cuja capacidade financeira e as fabulosas reservas de ouro, enthesouradas na caixa forte dos seus Bancos, pareciam offerecer segura garantia de resistencia á catastrophe economica, como os Estados Unidos e a França, nada respeitou a potencia devastadora da formidavel hecatombe.

Na União Americana, o descalabro foi incalculavel. O outomno de 1929 marca o começo de sua crise e o Presidente Hoover, que ao entrar para a Casa Branca fôra saudado como o continuador da esplendida "prosperity" inaugurada pelo seu antecessor Calvin Coolidge, foi impotente para subtrahir o seu grande paiz aos azares da tormenta. O imponente florescimento da economia americana, em vertiginoso movimento ascencional, determinou a superabundancia de dinheiro e o inevitavel optimismo de que os Estados Unidos poderiam tranquilamente zombar dos males que ha muito tempo vinham minando a estructura combalida da Europa. Veiu, desse modo, aquella febre da inversão de vultosos capitais por todos os recantos do

mundo, ao mesmo tempo que a capacidade de consumo ficava aquém da progressiva ascensão de ditas inversões. O resultado foi que tudo se aggravou, degenerando num serio desequilíbrio na balança economica do paiz, causando o celebre *crack* da Bolsa de New-York, em que os mercados de valores sofreram collapsos assustadores num só dia, pela fragorosa baixa de pontos nas cotações.

Depois que se consumou o erro, de inabarcaveis consequencias para o proprio bem estar do homem, buscou-se arranjar um sem numero de argumentos explicadores do mal geral. Os peritos da economia mundial entregaram-se então ás divagações academicas, puramente estereis, em torno da origem e da solução do grave problema, que por fim os dividiram em campos oppostos. Alguns delles acharam que deveria responder pelo erro commettido a descomedida mechanização da agricultura. Quizeram outros que fossem a anarchizada situação da China e o isolamento politico e economico da Russia bolchevista os factores do mal. Terceiros attribuiram-no á depreciação da prata e á escassez do ouro. Mas, ao nosso ver, a verdade reside em outra parte.

O mundo tem diante de si, para resolver-a sem mais detença, essa temerosa equação: — mais de 20 milhões de operarios se acham presentemente sem occupação, supportando os rigores de uma miseria impressionante. A crise, que desde 1914, abalou o rythmo e a estructura da economia mundial, prosegue permanente na intensidade dos seus multiplos symptomas, provocando perigosos e generalizados desequilibrios.

O Tratado de Versalhes, elaborado para abreviar o estrangulamente da prosperidade allemã, foi mais nocivo ao bem estar e á paz do homem do que o teriam sido outras conflagrações mundiaes, porque determinou propositalmente o falseamento dos mais soberanos preceitos da Economia.

Longe de resolver serenamente os problemas internacionais, esse Tratado accentuou-os mais ainda, dividindo as nações belligerantes em vencedoras e vencidas e consentindo, dessa maneira, que a lucta economica proseguisse avassaladora e minaz, empolgando, tal como antes da guerra, os povos mais fortes da terra.

Nada se modificou após a terminação do conflicto. A accesa e rancorosa pugna pela posse dos mercados mundiaes permanece, tal como nas vespervas de 1914, alimentando a absorvente insistencia de uma nação enfraquecer e destruir a supremacia economico-mercantil das demais. D'ahi resulta a contradição que assistimos na actual politica mercantil, que diffulta enormemente as relações economicas entre as diversas economias nacionaes, na evolução technica da produção e no movimento natural das mercadorias.

Estamos assistindo, aliás com indisfarçavel desapontamento, á atrophia da expansão dos povos mais fracos e menos aparelhados, pelo poder terrivel dessas três formidaveis tenazes que são o imperialismo britanico, o imperialismo *yankee* e o imperialismo japonéz.

Aquelle mesmo factor determinante da guerra 1913-1918, a rivalidade commercial entre a Inglaterra e a Allemanha, sobrevive da mesma forma, tendo embora outros protagonistas, para mais uma vez ameaçar os destinos da civilização. O mundo esta em vespervas de soffrer mais uma violenta mutação na ordem de cousas estabelecida actualmente, porque a politica mercantil de post-guerra só ha sabido converter systematicamente a abundancia em escassez.

O desprezo pelos ensinamentos e conselhos mais elementares da economia nacional, deu origem a todos esses soffrimentos do homem, accumulados na alvorada de 1934. A recente orientação da politica economica internacional, cujo facto concreto ahi vemos nos ferozes nacionalismos economicos geradores dessa reprovavel guerra de tarifas entre nações e continentes, e, mais do que tudo isso, a politica de reparações imposta pela *Entente* á Allemanha enfraquecida, respondem por todas as prementes difficuldades da colaboração internacional. De um lado, com effeito, as enormes transferencias unilateraes de capital e do outro as restricções quasi prohibitivas ao intercambio mundial de mercadorias. Como consequencia inexcusavel, a restricção crescente e geral de todos os mercados.

Hoje em dia, ninguem mais duvida que o Tratado de Versalhes foi um grande fracasso, porque só logrou aumentar os padecimentos da humanidade. Bem calculamos agora a ironia

contida naquelle insincero conceito de Lloyd George quando, em 1922, perante a Assembléa dos Liberaes, em Leeds, disse que o Tratado de Versalhes 'é: um grande monumento humano, cujos effeitos serão altamente proveitosos, não só para a Europa, senão tambem para todas as nações do mundo inteiro'. O facto é, que, depois de 15 annos de existencia, os apregoados beneficios da Paz de Versalhes se traduziram no rapidissimo augmento da immensa mole de desoccupados, que hoje vive a expensas de Thesouros arruinados e forma um temivel exercito de descontentes.

Não se encara aqui o lado politico desse famoso documento, mesmo porque elle não nos interessa absolutamente. Estuda se-o, sim, pelo seu aspecto economico, dizendo se, sem receio de erro, que elle é a mais espessa aberração para os legitimos interesses da Economia mundial. Sem a verdadeira paz, não poderá subsistir qualquer trabalho proficuo. Os inenarraveis vexames a que ainda está exposto um povo grande e forte, serão o obstaculo permanente á pacifica collaboração das nações.

E' urgente a necessidade de que desapareçam ás recentes tendencias autarchicas das nações vencedoras, para que o mundo possa voltar depressa ao periodo liberal de antes da Guerra. Atravessamos um periodo de intensa depressão, que se traduz pelas mais perigosas agitações em todos os angulos da terra. Por toda a parte ha instabilidade, ha insegurança e ha grave paralyzação da actividade economica. O mal estar é generalizado e não se sabe onde irão parar o fermento de paixões e o espirito de descontentamento que convulcionam o mundo.

O Tratado de Versalhes arruinou por completo a liberdade economica de todos os povos, em proveito do imperialismo inglez e americano. Na verdade, como já se disse alhures, a crise actual não é de superprodução, mas, sim, de subconsumo. Aqui em São Paulo, queimam-se milhões de saccas de café; mais além, nos Estados Unidos, o carvão é substituido pelo trigo, como combustivel das locomotivas; na Argentina, queimam-se deshumanamente milhares de carneiros. Mas, quantas creaturas não ha que neste momento estão privadas do

consumo de café, trigo e lã? Quantas não morrem annualmente, nos rigores do inverno da Europa, de fome e de frio, á falta desse trigo e dessa lã que, aqui deste lado do Atlantico, se incineram todos os dias? Que nos respondam os famigerados nacionalismos economicos, geradores desses extranhos e absurdos proteccionismos...

Muito mais cedo de alguns suspeitarem, começou-se a colher os fructos do que se semeara em Versalhes, simplesmente porque, tendo em vista apenas accelerar, por quaesquer meios, a ruina da economia germanica, os estadistas incumbidos da organização da paz deram uma prova da maior ignorancia acerca das inexhoraveis leis economicas que regem a vida e a actividade das nações. Cinco annos depois da assignatura do Tratado da Paz, era tão vexatoria a situação do mundo, que os paizes vencedores julgaram muito opportuna a immediata convocação de uma commissão de peritos em economia, afim de melhor ajuizar do estado de depauperamento geral.

Na politica de reparações de guerra imposta pelos Allia-dos á Allemanha, é que se originaram todos os gravissimos transtornos por que vêm passando os interesses economicos do mundo. Ella representou por muito tempo pretensões inacreditaveis, que chegaram mesmo ás raias do mais rumoroso disparate.

No dia 28 de junho de 1919, na sala dos Espelhos do Palacio de Versalhes, naquelle mesmo logar historico em que o Chanceller Bismark lêra, em 18 de janeiro de 1871, a proclamação do decreto da fundação do Imperio Allemão, os representantès do povo vencido assignavam o Tratado de Paz. Logo a 5 de setembro do mesmo anno, o Ministro francez do Gabinete Clemenceau calculava em 18 bilhões de marcos ouro o montante dos pagamentos annuaes que teriam de ser feitos pela Allemanha. Os appetites dos vencedores eram de facto tão descommedidos que, quasi um anno depois, já em junho de 1920, na conferencia de Boulogne, elles calculavam que, após um periodo de transição de dez annos, em que os pagamentos fossem apenas de 3 a 6 bilhões, a Allemanha poderia entregar, durante trinta annos seguidos (!) o tributo annual de 7 bilhões de marcos ouro. Em 29 de janeiro de 1921, na conferencia de

Paris, os Aliados recuaram para 6 bilhões as prestações máximas. Em maio do mesmo anno, um *ultimatum* do Governo de Londres exigia a entrega de 2 bilhões annuaes, mais 26 % do valor total da sua exportação. Isto, em outros tempos, só se imporia a paizes como a China e o Haiti... Pelo Plano Dawes, em que a duração dos pagamentos ficava á vontade da *Entente* (!) e em que esta tambem forjou ao seu talante um indice de bem estar nacional que lhe permitisse participar da prosperidade da Allemanha, estabeleceram-se pagamentos annuaes que, depois de um periodo quinquenal de transição, atingiriam a 2,5 bilhões de marcos ouro. Veiu em seguida o Plano Young, de 7 de junho de 1929, que pouco modificou, em favor do Reich, as duras exigencias dos Aliados, porque elle se obrigaria ao pagamento de annuidades que começariam com 1818 milhões e iriam gradualmente augmentando até 2438 milhões, em 1966. A estes pagamentos se seguiriam annuidades começando com 1607, 7 milhões de marcos, elevando-se depois a 1711,3 milhões, para, em 1988, termo final desse ignobil captiveiro da Allemanha, as reparações serem de 897,8 milhões de marcos ouro. O valor total das obrigações do Plano Young chegavam a ser de 35,5 bilhões de marcos ouro, mas, com mais três annos de vida, esse mesmo Plano foi modificado pelos inimigos do Reich, tamanhos eram na verdade os damnos que a economia mundial vinha soffrendo com essa politica demolidora dos paizes vencedores. Assim, em 9 de julho de 1932, pelo convenio de Lausanne, esses 35,5 bilhões foram substituidos pela emissão de obrigações da Allemanha, no valor nominal de 3 bilhões de marcos e com o curso superior a 30 annos.

Acha-se hoje praticamente extincto esse problema das reparações, porque, até meados de 1935, existe para a Allemanha uma moratoria, além de que surgiram tambem novas condições que diminuem consideravelmente o valor actual das obrigações impostas pela conferencia de Lausanne.

Extincto está, dissemos, "o odioso problema das reparações de guerra. Mas, até o mundo refazer se dos incalculaveis prejuizos que elle causou aos interesses economicos de todas as nações, nada se poderá predizer, mormente quando se sabe que, depois de eliminado o ridiculo *perigo germanico*, cavilosa-

mente apregoado pelos interesses mercantilistas de algumas nações rivaes, ainda subsiste o famoso estado de *paz armada* entre os paizes vencedores, os Estados Unidos, o Japão e a Russia, situação que conseguiu, durante quarenta annos, manter, embora precariamente, a paz na Europa

As leis economicas não falliram ainda, como alguns chegaram a insinuar, quando se fez ouvir a voz de protesto contra a politica dos Alliados. O que falliu ruidosamente foi a sua viciosa applicação pelos estadistas contemporaneos. Inicialmente esses homens desprezaram a restauração da liberdade no terreno economico. Não attenderam ao inadiavel restabelecimento da solidariedade mercantil, seriamente compromettida pela Conflagração. Como disse o Chanceller Hitler, em seu memoravel discurso de justificação da honrosa retirada da Alemanha da Sociedade das Nações, "As potencias que impuzeram os tratados de paz tinham esquecido inteiramente que a reconstrucção do mundo não poderia ser garantida pelo trabalho forçado de uma nação oprimida, mas, sim, pela collaboração confiante de todos e que para esta collaboração era indispensavel, antes de mais nada, fazer desaparecer a psychose de guerra".

Os males da crise actual deverão desaparecer somente quando se restabelecer a confiança geral. Emquanto perdurar a politica de desprezo ao bom senso das leis economicas, de nada valerão os paliativos e continuaremos sofrendo as suas intoleraveis consequencias.

Deverão desaparecer esses proteccionismos prejudiciaes, que entravam sobretudo o desenvolvimento dos paizes novos. E' uma estupida illusão a autarchia economica a que todos buscam em vão chegar, isto é, a autoproducção e o autoabastecimento.

O Brasil e com elle particularmente o Estado de São Paulo carecem immensamente do livre curso dos processos dynamicos a que estão sujeitos os diversos elementos economicos de sua economia nacional.